



C U R S O

Bíblia Fácil



1

**MÓDULO 1
OITO AULAS**



CURSO BÍBLIA FÁCIL

Módulo 1

ÍNDICE

Aula 1 - Introdução à Bíblia Sagrada	03
Aula 2 - Conhecendo os livros do Antigo Testamento	07
Aula 3 - Conhecendo os livros do Novo Testamento	17
Aula 4 - Conhecendo as Cartas Paulinas e Católicas	26
Aula 5 - A diferença entre a Bíblia católica e a Bíblia protestante	38
Aula 6 - Inerrância Bíblica	42
Aula 7 - Interpretação das Sagradas Escrituras	46
Aula 8 - A divisão da Bíblia em capítulos e versículos	52

PRIMEIRA AULA

Introdução à Bíblia Sagrada

A Bíblia é um livro sagrado que reúne uma coleção de escritos considerados divinamente inspirados por diversas tradições religiosas. É formada por 73 livros, e composta por duas partes principais: o Antigo Testamento, que abrange a história e os ensinamentos anteriores ao nascimento de Jesus Cristo, e o Novo Testamento, que narra a vida, os ensinamentos e os eventos relacionados a Jesus e aos primeiros seguidores.

A Bíblia é um livro sagrado venerado por milhões de fiéis em todo o mundo. Ela é considerada a Palavra de Deus, contendo revelações divinas e orientações para a vida espiritual de todos os cristãos. A Bíblia é um compêndio de escritos religiosos que formam a base da fé e da prática religiosa da tradição cristã.

A palavra "Bíblia" tem origem no grego antigo, derivada da palavra "biblion", que significa "rolo" ou "livro". Esse termo foi adotado pelos cristãos para se referir à coleção de textos sagrados que consideravam inspirados por Deus. A Bíblia é composta por diversos livros que foram escritos ao longo de séculos por diferentes autores.

Veja bem que a história da Bíblia é fascinante! Ela foi escrita originalmente em hebraico, aramaico e grego, e os manuscritos mais antigos remontam a milhares de anos atrás.

A autoria dos textos bíblicos é um tema complexo, pois envolve múltiplos escritores ao longo de muitas gerações. Os autores da Bíblia são considerados instrumentos de Deus, inspirados pelo Espírito Santo para

transmitir Sua mensagem aos fiéis. Acredita-se que esses escritores, embora tenham usado sua própria linguagem e estilo, foram orientados divinamente em suas palavras.

Então, a Bíblia é uma coleção de livros individuais escritos por diferentes autores ao longo de um período de aproximadamente 1.500 anos. Ela contém diversos gêneros literários, incluindo história, poesia, sabedoria, profecia e cartas. Como já disse, a Bíblia é composta por 73 livros, divididos em duas partes principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

Neste momento, então, vamos focar nossa atenção na primeira parte da Bíblia, o Antigo Testamento, também chamada de Antiga Aliança. Vamos agora tratar dessa primeira parte da Bíblia, e conhecer cada um dos livros que compõem essa primeira coluna das Sagradas Escrituras.

Bom, então vamos lá. Vamos mergulhar na primeira parte da Bíblia Sagrada, o Antigo Testamento.

Lembrando que você pode pegar um caderninho, ou uma simples folha de papel, para ir anotando os pontos que você achar mais importantes da explicação.

Pois bem, o Antigo Testamento é uma das duas principais divisões da Bíblia cristã, junto com o Novo Testamento. Na tradição católica, o Antigo Testamento é considerado sagrado e é composto por uma coleção de livros que contêm escrituras religiosas e históricas que foram escritas antes do nascimento de Jesus Cristo. Esses livros são considerados sagrados tanto para o cristianismo quanto para o judaísmo.

O Antigo Testamento da Bíblia católica é composto por um total de 46 livros, que são organizados em diferentes categorias: Pentateuco, Livros Históricos, Livros Sapienciais e Livros Proféticos.

Inicialmente, vamos falar do Pentateuco:

O Pentateuco, também conhecido como os Cinco Livros de Moisés, é composto por Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Esses

livros são atribuídos a Moisés e contêm narrativas da criação do mundo, histórias dos patriarcas, a libertação dos israelitas do Egito, a entrega das leis e a jornada do povo de Israel pelo deserto. A palavra pentateuco significa "cinco livros" ou "cinco rolos". Teuco, de "rolo", e penta, de cinco.

E que são o Livros Históricos?

Os Livros Históricos são uma coleção de 16 livros que narram a história do povo de Israel desde a conquista de Canaã até o período do cativo babilônico. Alguns dos livros incluídos são Josué, Juízes, Rute, Samuel, Reis, Crônicas, Esdras e Neemias. Esses livros apresentam relatos de líderes, reis, profetas e eventos importantes da história de Israel.

Veremos agora o que são os Livros Sapienciais:

Os Livros Sapienciais, também conhecidos como Livros Poéticos, são uma coleção de sete livros que contêm poesia, sabedoria e reflexões sobre a vida. Alguns dos livros incluídos são: Jó, Salmos, Provérbios e Eclesiastes. Esses livros abordam temas como a natureza de Deus, a sabedoria, o sofrimento e a importância de viver uma vida justa.

E o que são, e quais são os Livros Proféticos?

Os Livros Proféticos são uma coleção de 18 livros que contêm as palavras e mensagens dos profetas hebreus. Esses profetas eram encarregados de transmitir as mensagens de Deus ao povo de Israel, chamando-os ao arrependimento, anunciando julgamentos e prometendo bênçãos futuras. Alguns dos livros incluídos são Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naúm, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Bom, cada um desses livros tem seu próprio estilo, contexto histórico e mensagem. Eles fornecem uma compreensão profunda da história, das leis, da sabedoria e das profecias do povo de Israel antes do advento de Jesus Cristo. Além disso, esses livros têm sido fundamentais para a formação da identidade e fé dos católicos ao longo dos séculos.

É importante ressaltar que a lista de livros do Antigo Testamento pode variar entre diferentes tradições cristãs. Por exemplo, a tradição protestante inclui apenas 39 livros no Antigo Testamento, agrupando alguns livros juntos. A tradição católica, por sua vez, reconhece os 46 livros mencionados anteriormente.

O Antigo Testamento é considerado uma parte essencial da Bíblia católica, pois estabelece a base histórica, teológica e espiritual para o ensinamento e a crença cristã. Ele oferece uma visão do relacionamento entre Deus e a humanidade ao longo dos séculos, revelando Sua natureza, vontade e plano redentor. Para os católicos, estudar e compreender o Antigo Testamento é uma maneira de aprofundar sua fé e se conectar com a rica tradição religiosa que precede o nascimento de Jesus Cristo.

SEGUNDA AULA

Conhecendo os livros do Antigo Testamento

Vamos começar conhecendo os livros que compõe o Pentateuco. Você se lembra que na aula anterior vimos o que significa a palavra pentateuco? Pois é, pentateuco é a junção de duas outras palavras: penta, que significa "cinco", e teuco, que significa "rolo" ou "livros".

Vamos, então, conhecer resumidamente cada um dos livros que fazem parte do Pentateuco.

O Pentateuco, é uma parte fundamental do Antigo Testamento da Bíblia católica. Como já vimos lá na primeira aula, ele é composto por cinco livros que são atribuídos a Moisés e contêm relatos importantes da criação do mundo, a história dos patriarcas e a libertação dos israelitas do Egito. A seguir estão os livros do Pentateuco e um breve resumo de cada um deles:

O livro de Gênesis:

O livro de Gênesis é o primeiro livro do Pentateuco e descreve a criação do mundo, a história dos primeiros seres humanos, a queda da humanidade, a história de Noé e o dilúvio, além das narrativas dos patriarcas, como Abraão, Isaque e Jacó. O livro de Gênesis estabelece as bases para a fé e a identidade do povo de Israel.

O livro de Êxodo:

O livro de Êxodo narra a libertação dos israelitas da escravidão no Egito por meio de Moisés, a entrega dos Dez Mandamentos no Monte Sinai e a

peregrinação pelo deserto rumo à Terra Prometida. O livro de Êxodo revela a intervenção de Deus em favor de Seu povo e a importância da obediência à Sua lei.

O livro de Levítico:

O livro de Levítico contém uma série de leis e regulamentos que foram dadas aos israelitas para orientar sua adoração, rituais de purificação e vida cotidiana. Ele destaca a importância da santidade e do relacionamento adequado com Deus.

O livro de Números:

O livro de Números registra os eventos ocorridos durante o período em que os israelitas estavam no deserto, incluindo a contagem do povo, a organização das tribos, a jornada rumo à Terra Prometida e os desafios enfrentados durante essa peregrinação. O livro de Números revela a fidelidade de Deus, apesar da desobediência do povo.

O livro de Deuteronômio:

O livro de Deuteronômio é um discurso de Moisés aos israelitas, pouco antes de sua morte. Nele, Moisés reafirma a aliança de Deus com o povo, recorda os mandamentos e exorta o povo a obedecer à lei de Deus ao entrarem na Terra Prometida. O livro de Deuteronômio destaca a importância da obediência e amor a Deus.

Esses cinco livros do Pentateuco são fundamentais para a fé e a história do povo de Israel. Eles contêm narrativas que descrevem a criação, a queda, a redenção e a formação da nação israelita. Além disso, eles fornecem a base para a compreensão da lei e dos mandamentos de Deus, bem como para o relacionamento entre Deus e a humanidade. O Pentateuco é considerado uma parte essencial das escrituras sagradas e tem sido fonte de ensinamento e inspiração para os fiéis católicos ao longo dos séculos.

Vamos agora conhecer resumidamente os outros livros que compõe o Antigo Testamento, a começar pelos livros históricos.

Então, os Livros Históricos na Bíblia católica são uma coleção de livros que narram a história do povo de Israel, desde a conquista de Canaã até o período do cativeiro babilônico. São eles:

O livro de Josué:

O livro de Josué relata a conquista de Canaã pelos israelitas, liderados por Josué, após a morte de Moisés. O povo atravessa o rio Jordão, enfrenta obstáculos e derrota várias cidades cananitas, estabelecendo-se na terra prometida.

O livro de Juízes:

O livro de Juízes descreve um período de liderança incerta em Israel, após a morte de Josué. Os juízes eram líderes temporários levantados por Deus para libertar o povo da opressão dos inimigos. O livro destaca histórias de juízes notáveis, como Gideão, Sansão e Débora.

O livro de Rute:

O livro de Rute conta a história de uma mulher moabita chamada Rute, que se une a sua sogra, Noemi, e se torna parte do povo de Israel. O livro destaca a lealdade e o cuidado mútuo entre Rute e Noemi, além de retratar a genealogia de Davi.

Primeiro livro de Samuel:

O livro de primeiro Samuel narra a transição de Israel de um sistema de juízes para uma monarquia. Samuel, o último dos juízes, unge Saul como o primeiro rei de Israel. O livro também apresenta a história do jovem Davi, que se torna conhecido por sua coragem e fé.

Segundo livro de Samuel:

O livro de segundo Samuel continua a narrativa da vida de Davi, agora como rei de Israel. Descreve suas vitórias militares, sua queda moral e suas

consequências, além de destacar sua relação com Deus e seus feitos notáveis.

Primeiro livro de Reis:

O livro de primeiro Reis registra a história dos reis de Israel e Judá, após a morte de Davi e a divisão do reino. Narra a construção do templo em Jerusalém por Salomão e os desafios enfrentados pelos reis, incluindo a idolatria e a desobediência a Deus.

Segundo livro de Reis:

O livro de segundo Reis continua a história dos reis de Israel e Judá, descrevendo seu declínio e queda. Revela os profetas que foram enviados para advertir o povo e relata a destruição de Jerusalém e do templo pelos babilônios.

Segundo livro das Crônicas:

O livro de primeiras Crônicas reconta a história de Israel desde Adão até o reinado de Davi. Destaca as genealogias e linhagens das tribos de Israel, além de enfatizar a importância da adoração a Deus.

O segundo livro das Crônicas:

O livro de segundas Crônicas continua a história de Israel, focando nos reis de Judá. Destaca a importância do templo e da adoração a Deus, bem como os resultados da obediência e da desobediência.

O livro de Esdras:

O livro de Esdras relata a restauração de Jerusalém após o exílio babilônico. Descreve o retorno do povo de Israel à sua terra, a reconstrução do templo e a renovação da aliança com Deus.

O livro de Neemias:

O livro de Neemias narra a reconstrução dos muros de Jerusalém sob a liderança de Neemias, que se torna governador de Judá. O livro também

destaca a restauração da adoração e o compromisso renovado do povo com Deus.

Esses são os 11 livros históricos do Antigo Testamento da Bíblia católica. Cada um deles contribui para a narrativa histórica e teológica do povo de Israel, fornecendo insights valiosos sobre sua jornada, seus líderes e os eventos que moldaram sua identidade religiosa.

Vejamos agora os livros Sapienciais, também conhecidos como Livros Poéticos.

São uma coleção de sete livros que compõem uma parte importante do Antigo Testamento da Bíblia católica. Esses livros contêm poesia, sabedoria e reflexões sobre a vida. A seguir estão os livros Sapienciais e um breve resumo de cada um deles:

O livro de Jó:

O livro de Jó conta a história de um homem justo chamado Jó, que enfrenta um grande sofrimento e perda em sua vida. O livro explora questões sobre o sofrimento humano, a justiça divina e a confiança em Deus, apresentando um diálogo entre Jó e seus amigos sobre o significado da vida e a natureza de Deus.

O livro de Salmos:

O livro de Salmos é uma coleção de poemas e hinos que abrangem uma ampla gama de temas, incluindo adoração, gratidão, arrependimento, confiança em Deus e expressões de emoções humanas. Os Salmos são frequentemente usados em adoração e oração, proporcionando conforto espiritual e expressão de louvor a Deus.

O livro de Provérbios:

O livro de Provérbios contém uma coleção de ensinamentos sábios e práticos, geralmente apresentados em forma de ditos curtos e concisos. Esses provérbios abordam temas como sabedoria, justiça, relacionamentos,

trabalho, dinheiro e moralidade. O livro busca orientar as pessoas para uma vida justa e prudente, lembrando-as da importância de temer a Deus.

O livro de Eclesiastes:

O livro de Eclesiastes é uma reflexão filosófica sobre a vida e seu significado. O autor, frequentemente identificado como o rei Salomão, questiona a busca da sabedoria, prazeres, riquezas e realizações terrenas, reconhecendo a transitoriedade e a vaidade dessas coisas. O livro conclui que o verdadeiro propósito da vida está em temer a Deus e obedecer aos Seus mandamentos.

O livro dos Cântico dos Cânticos:

O Cântico dos Cânticos, também conhecido como Cantares de Salomão, é uma coleção de poemas líricos que celebram o amor entre um noivo e uma noiva. O livro usa imagens e metáforas poéticas para expressar a beleza e a profundidade do amor humano, além de simbolizar o amor de Deus por Seu povo.

O livro de Sabedoria:

O livro da Sabedoria, também chamado de Sabedoria de Salomão, é uma obra escrita em grego que enfatiza a importância da sabedoria divina. Explora temas como justiça, imortalidade, vida após a morte e a relação entre sabedoria e idolatria. O livro exalta a sabedoria como um dom de Deus que leva à vida plena.

O livro do Eclesiástico:

O livro do Eclesiástico, também conhecido como Sirácida, contém uma coleção de ensinamentos e reflexões sobre ética, sabedoria, deveres familiares, amizade e virtudes. O autor, Jesus Ben Sirac, enfatiza a importância da sabedoria prática e a obediência aos mandamentos de Deus para uma vida virtuosa.

Esses sete livros Sapienciais fornecem insights sobre a sabedoria, a adoração, a experiência humana e a relação com Deus. Eles oferecem orientação prática e espiritual para os fiéis católicos, ajudando-os a enfrentar desafios, buscar entendimento e crescer em sua fé.

Passemos agora a explorar resumidamente os últimos livros do Antigo Testamento, os livros proféticos.

Os Livros Proféticos são uma coleção de 18 livros que compõem uma parte significativa do Antigo Testamento da Bíblia católica. Esses livros contêm as palavras e mensagens dos profetas hebreus, que foram enviados por Deus para transmitir mensagens de advertência, consolo, arrependimento e esperança ao povo de Israel. A seguir estão os livros Proféticos e um breve resumo de cada um deles:

O livro de Isaías:

O livro de Isaías é um dos mais extensos e poéticos dos livros proféticos. O profeta Isaías fala sobre a justiça, o julgamento de Deus, o Messias vindouro e a restauração futura do povo de Israel.

O livro de Jeremias:

O livro de Jeremias contém as palavras do profeta Jeremias, que advertiu o povo sobre a destruição iminente de Jerusalém devido à sua infidelidade a Deus. Jeremias também profetizou sobre a restauração futura e a nova aliança de Deus com o Seu povo.

O livro de Lamentações:

O livro de Lamentações é uma coleção de poemas que expressam lamentos e tristeza pelo sofrimento e pela destruição de Jerusalém. Ele reflete a aflição e a esperança do povo diante da disciplina divina.

O livro de Baruc:

O livro de Baruc é atribuído ao secretário do profeta Jeremias. Contém uma mistura de orações, confissões e conselhos que visam encorajar o povo de Israel durante o exílio babilônico.

O livro de Ezequiel:

O livro de Ezequiel contém as visões e mensagens do profeta Ezequiel, que foi levado cativo para a Babilônia. Ezequiel profetizou a queda de Jerusalém, a restauração de Israel e a vinda do Reino de Deus.

O livro de Daniel:

O livro de Daniel conta a história do profeta Daniel e suas experiências na corte de Nabucodonosor, rei da Babilônia. O livro também inclui visões proféticas e interpretação de sonhos que revelam eventos futuros.

O livro de Oséias:

O livro de Oséias apresenta a história do profeta Oséias e suas experiências pessoais, que simbolizam a infidelidade de Israel a Deus. Ele fala sobre o amor e a fidelidade de Deus, apesar da rebeldia do povo.

O livro de Joel:

O livro de Joel descreve uma praga de gafanhotos como um juízo divino e chama o povo ao arrependimento. Joel profetiza sobre o derramamento do Espírito Santo e a restauração futura de Israel.

O livro de Amós:

O livro de Amós contém as palavras do profeta Amós, que denuncia a injustiça social, a idolatria e a corrupção do povo de Israel. Ele profetiza o juízo e a restauração divina.

O livro de Obadias:

O livro de Obadias é o mais curto do Antigo Testamento e fala sobre o juízo de Deus sobre Edom, uma nação vizinha de Israel, devido à sua hostilidade contra o povo escolhido.

O livro de Jonas:

O livro de Jonas narra a história do profeta Jonas, que foi enviado por Deus para pregar ao povo de Nínive. Jonas foge, é engolido por um grande peixe e finalmente cumpre sua missão, testemunhando o arrependimento dos ninivitas.

O livro de Miquéias:

O livro de Miquéias contém mensagens proféticas sobre a justiça social, o julgamento de Deus e a esperança de uma futura restauração. Miquéias destaca a importância da retidão e da busca pela justiça.

O livro de Naum:

O livro de Naúm profetiza a destruição de Nínive, a capital do Império Assírio, como resultado de sua maldade e injustiça. Ele traz consolo para o povo de Judá e expressa o poder e a justiça de Deus.

O livro de Habacuque:

O livro de Habacuque contém um diálogo entre o profeta Habacuque e Deus, no qual Habacuque questiona o sofrimento e a aparente inação divina. Deus responde, revelando Seus planos e exortando o profeta à fé e confiança.

O livro de Sofonias:

O livro de Sofonias anuncia o juízo de Deus sobre Judá e outras nações, mas também traz esperança de restauração e salvação. Ele encoraja o arrependimento e a confiança em Deus.

O livro de Ageu:

O livro de Ageu é uma mensagem profética direcionada aos exilados que retornaram a Jerusalém após o cativeiro babilônico. Ele os desafia a reconstruir o templo e priorizar a adoração a Deus.

O livro de Zacarias:

O livro de Zacarias contém visões e mensagens proféticas de esperança, encorajamento e promessa de um futuro reino. Zacarias profetiza sobre o Messias vindouro e Sua obra redentora.

O livro de Malaquias:

O livro de Malaquias é o último livro do Antigo Testamento e contém mensagens de repreensão e exortação ao povo de Israel. Malaquias fala sobre a importância da adoração verdadeira e do arrependimento.

Esses 18 livros Proféticos oferecem uma variedade de mensagens e revelações sobre o relacionamento entre Deus e Seu povo. Eles abordam temas como arrependimento, juízo, esperança, promessas messiânicas e a fidelidade de Deus. Os livros Proféticos desempenham um papel significativo na formação da fé e na orientação espiritual dos fiéis católicos.

TERCEIRA AULA

Conhecendo os livros do Novo Testamento

O Novo Testamento da Bíblia é uma coleção de textos que são centrais para a fé cristã e, ao mesmo tempo, uma fonte de estudo e reflexão para estudiosos de diversas áreas. Composto por 27 livros, o Novo Testamento apresenta uma narrativa que cobre a vida, os ensinamentos e o legado de Jesus Cristo, bem como os primeiros anos da Igreja Cristã.

Vejamos o contexto Histórico e Cultural do Novo Testamento.

Para compreender completamente o Novo Testamento, é fundamental entender o contexto histórico e cultural no qual foi escrito. O Novo Testamento foi produzido em um período de intensa agitação política e cultural no mundo mediterrâneo, dominado pelo Império Romano. É dentro deste cenário que a vida e o ministério de Jesus Cristo ocorreram, e onde os primeiros seguidores de Cristo começaram a difundir suas crenças.

E os evangelhos, o que são?

Os quatro primeiros livros do Novo Testamento, conhecidos como os Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), são relatos da vida, ensinamentos, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Cada Evangelho oferece uma perspectiva única sobre a vida de Jesus e é destinado a diferentes audiências.

Bem resumidamente, vejamos do que trata cada uma das versões do santo evangelho. Digo, "versões", porque há um só evangelho, o evangelho

de Nosso Senhor Jesus Cristo, em 4 versões: o de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Vamos, então, conhecer resumidamente cada uma dessas versões do santo evangelho. E mais para frente nos aprofundaremos em cada um dos quatro evangelhos.

O evangelho de Mateus: Escrito por um judeu convertido ao cristianismo, destina-se principalmente a uma audiência judaica, enfatizando a relação de Jesus com as profecias do Antigo Testamento.

O evangelho de Marcos: É o mais curto dos quatro Evangelhos e é caracterizado por seu estilo narrativo conciso e foco nas ações de Jesus.

O evangelho de Lucas: Escrito por um médico gentio e companheiro de Paulo, Lucas apresenta uma narrativa detalhada da vida de Jesus e de seus ensinamentos, além de fornecer uma sequência de eventos após a ressurreição.

O evangelho de João: Diferencia-se dos outros três Evangelhos em estilo e conteúdo, enfatizando a divindade de Jesus e a natureza espiritual de seu ministério.

Chegamos agora ao livro dos Atos dos Apóstolos, que conta a história dos primeiros passos da propagação do Cristianismo.

O livro de Atos dos Apóstolos, escrito pelo mesmo autor do Evangelho de Lucas, descreve os eventos que se seguiram à ascensão de Jesus, concentrando-se na disseminação do Cristianismo por meio do trabalho dos apóstolos, especialmente de Pedro e Paulo. Este livro é uma ponte entre os Evangelhos e as epístolas, mostrando como a mensagem de Jesus foi transmitida às comunidades cristãs primitivas.

E o que são as Epístolas?

A maior parte do Novo Testamento é composta por epístolas, ou cartas, escritas por líderes da igreja primitiva para comunidades cristãs específicas

ou para indivíduos. Essas cartas abordam uma variedade de questões teológicas, éticas e práticas, fornecendo orientação espiritual e instrução doutrinária. Entre as epístolas mais conhecidas estão as escritas por Paulo, como Romanos, Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom.

Por fim, chegamos ao último livro da Bíblia: O Livro da Revelação, popularmente chamado de Apocalipse.

O último livro do Novo Testamento, Apocalipse ou Revelação, é um texto apocalíptico que contém visões e profecias atribuídas a João. Apesar de seu estilo simbólico e muitas vezes enigmático, o livro oferece uma mensagem de esperança para os cristãos, retratando a vitória final de Deus sobre o mal e o estabelecimento de um novo céu e uma nova terra.

Pois bem, o Novo Testamento não é apenas uma coleção de textos religiosos, mas também uma obra literária e histórica de grande importância. Sua influência se estende muito além do mundo cristão, moldando a cultura, a ética e a moralidade em muitas sociedades ao longo da história.

Além disso, o Novo Testamento continua a ser objeto de estudo acadêmico e debate teológico, com estudiosos explorando questões de autoria, datação, contexto cultural e significado original dos textos.

Para os cristãos, o Novo Testamento é visto como a revelação da vontade de Deus e a fonte definitiva de autoridade espiritual e moral. Ele fornece orientação para a vida diária, conforto em tempos de dificuldade e esperança para o futuro.

O Novo Testamento da Bíblia é uma coleção de textos que oferece uma visão profunda da vida e dos ensinamentos de Jesus Cristo, bem como dos primeiros anos da Igreja Cristã. Sua influência e importância se estendem além do mundo religioso, impactando a cultura, a literatura e a ética em todo o mundo. Seja como uma fonte de inspiração espiritual, uma obra literária ou um objeto de estudo acadêmico, o Novo Testamento continua a

desempenhar um papel significativo na vida de milhões de pessoas ao redor do globo.

Vamos agora explorar um pouco mais as quatro versões do santo Evangelho de Jesus Cristo: Mateus, Marcos, Lucas e João.

As quatro versões do Evangelhos - Mateus, Marcos, Lucas e João - formam o núcleo do Novo Testamento da Bíblia Cristã. Cada um desses relatos oferece uma perspectiva única sobre a vida, os ensinamentos, os milagres, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Juntos, eles proporcionam uma visão abrangente e multifacetada do Filho de Deus e da mensagem que Ele trouxe ao mundo. Neste texto, exploraremos os temas centrais e as características distintas de cada um dos Evangelhos, destacando como eles se complementam para fornecer uma compreensão mais profunda da figura central do Cristianismo.

Vamos então explorar um pouco mais cada uma das versões do santo evangelho.

O Evangelho de Mateus, que trata do Rei e do Reino dos Céus.

O Evangelho de Mateus é frequentemente chamado de "Evangelho do Reino" devido à sua ênfase na natureza do Reino de Deus e na autoridade de Jesus como Rei. Mateus, que também era conhecido como Levi, era um coletor de impostos antes de se tornar um discípulo de Jesus. Seu Evangelho é destinado principalmente a uma audiência judaica e está repleto de referências ao Antigo Testamento, enfatizando a continuidade entre as promessas feitas a Israel e seu cumprimento em Jesus Cristo.

Uma das características marcantes do Evangelho de Mateus é o Sermão da Montanha, onde Jesus apresenta uma série de ensinamentos que desafiam as convenções morais e religiosas de seu tempo. Este sermão aborda temas como humildade, misericórdia, perdão, amor ao próximo e confiança em Deus. Além disso, Mateus destaca os milagres de Jesus,

demonstrando Sua autoridade sobre a natureza, as doenças e os espíritos malignos.

O Evangelho de Marcos, que trata do Servo Sofredor e Poderoso.

O Evangelho de Marcos é o mais curto e conciso dos quatro Evangelhos, caracterizado por uma narrativa rápida e dinâmica que enfatiza as ações de Jesus. Marcos retrata Jesus como o Servo Sofredor que veio para servir e dar a Sua vida como resgate por muitos. Seu Evangelho é cheio de atividades de Jesus, mostrando Sua autoridade sobre as forças espirituais, enfermidades e até mesmo a morte.

Uma característica distintiva do Evangelho de Marcos é o uso frequente do termo "imediatamente", que sugere um ritmo acelerado na narrativa. Marcos enfatiza a natureza poderosa e imediata do ministério de Jesus, destacando Sua capacidade de transformar vidas e trazer o Reino de Deus à terra. O Evangelho de Marcos culmina na narrativa da morte e ressurreição de Jesus, revelando Sua vitória sobre o pecado e a morte.

O Evangelho de Lucas, que trata do Salvador Universal e Compassivo.

O Evangelho de Lucas é conhecido por sua ênfase na compaixão e na universalidade do evangelho de Jesus Cristo. Lucas, que era um médico e companheiro de Paulo, escreveu seu Evangelho para um público predominantemente gentio, retratando Jesus como o Salvador de toda a humanidade.

Lucas é único por incluir várias parábolas e histórias que destacam a compaixão de Jesus pelos marginalizados e oprimidos, incluindo os pobres, os doentes, as mulheres e os pecadores. Ele também enfatiza a obra do Espírito Santo e a importância da oração na vida de Jesus e de Seus seguidores.

Uma das características distintivas do Evangelho de Lucas é o relato detalhado do nascimento e infância de Jesus, incluindo a história da visita dos anjos aos pastores e a apresentação de Jesus no templo. Lucas também

é o autor do livro de Atos dos Apóstolos, que descreve os primeiros anos da Igreja Cristã e a propagação do evangelho pelo mundo conhecido.

O Evangelho de João, que trata do Verbo Encarnado e da Vida Eterna.

O Evangelho de João é único em seu estilo e conteúdo, enfatizando a natureza divina de Jesus Cristo e Sua relação íntima com o Pai. João, muitas vezes referido como o "Evangelho Espiritual", apresenta Jesus como o Logos, o Verbo de Deus que se tornou carne e habitou entre nós.

João destaca os sinais e milagres de Jesus como testemunho de Sua divindade e poder redentor. Ele inclui sete "sinais" específicos, como a transformação da água em vinho, a cura do filho de um oficial romano e a ressurreição de Lázaro. Além disso, João registra várias declarações poderosas de Jesus, conhecidas como os "Eu Sou", que revelam Sua identidade divina e Sua missão redentora.

O Evangelho de João também apresenta uma ênfase significativa na importância da fé em Jesus Cristo para a obtenção da vida eterna. João 3:16 resume este tema central: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."

Pois bem, as quatro versões do santo Evangelhos de Jesus Cristo - Mateus, Marcos, Lucas e João - oferecem perspectivas distintas e complementares sobre a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo. Cada Evangelho reflete o contexto, a audiência e os propósitos específicos de seu autor, mas juntos eles fornecem uma imagem abrangente e multifacetada do Filho de Deus.

Por meio desses relatos, somos convidados a entrar em uma jornada espiritual profunda, explorando a natureza divina de Jesus, Sua obra redentora e Seu chamado para segui-Lo em fé e obediência. Que possamos nos inspirar nos Evangelhos e permitir que suas verdades transformadoras moldem nossas vidas e nos aproximem cada vez mais do coração de Cristo.

Os Atos dos Apóstolos

Depois de ouvirmos e aprendermos sobre as versões do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vamos agora focar no livro dos Atos dos Apóstolos.

O que trata esse livro? Quem são as figuras principais do livro dos Atos dos Apóstolos? Vamos descobrir e explorar o segundo livro escrito pelo Apóstolo São Lucas.

Então, o livro de Atos dos Apóstolos é uma obra fundamental do Novo Testamento da Bíblia Cristã, que narra os eventos cruciais que se seguiram à ascensão de Jesus Cristo e o surgimento da igreja cristã primitiva. Escrito por Lucas, o mesmo autor do Evangelho de Lucas, Atos oferece um relato detalhado dos primeiros anos da disseminação do cristianismo, desde Jerusalém até Roma. Vamos agora explorar as principais temáticas, personagens e impacto do livro de Atos dos Apóstolos.

Contexto Histórico e Literário.

Atos dos Apóstolos começa onde o Evangelho de Lucas termina, com a ascensão de Jesus ao céu. Lucas, um médico e companheiro de Paulo, escreveu este livro por volta do ano 62 d.C., durante o período em que Paulo estava em prisão domiciliar em Roma. A obra é dedicada a Teófilo e serve como uma continuação de seu Evangelho, narrando a expansão do movimento cristão desde Jerusalém até as regiões mais distantes do Império Romano.

A Ascensão e o Pentecostes.

O livro de Atos começa com a ascensão de Jesus ao céu, onde ele instrui seus discípulos a esperar pelo dom do Espírito Santo. O Pentecostes é então narrado, quando o Espírito Santo desce sobre os discípulos reunidos em Jerusalém, capacitando-os a proclamar o evangelho em línguas diferentes. Este evento marca o início da missão global da igreja cristã e a capacitação para testemunhar a respeito de Jesus Cristo.

O Ministério de Pedro e a Expansão da Igreja.

O livro de Atos destaca o papel de Pedro como líder da igreja primitiva em Jerusalém. Ele é o principal pregador nos primeiros capítulos, proclamando o evangelho com poder e autoridade, realizando milagres e enfrentando perseguição. Sob sua liderança, a igreja em Jerusalém cresce rapidamente, apesar da oposição das autoridades judaicas.

A Conversão de Paulo e seu Ministério Missionário.

Uma das figuras centrais em Atos dos Apóstolos é Paulo, anteriormente conhecido como Saulo de Tarso, um perseguidor dos cristãos que se converte após um encontro com Jesus no caminho de Damasco. Sua conversão marca uma mudança crucial na história do Cristianismo, e ele se torna um dos principais líderes da igreja primitiva.

O livro de Atos narra as viagens missionárias de Paulo, começando com sua primeira viagem acompanhado por Barnabé e depois por Silas e outros companheiros. Durante essas viagens, Paulo prega o evangelho em diversas cidades do Império Romano, fundando igrejas e enfrentando oposição das autoridades religiosas e civis.

O Concílio de Jerusalém e o Crescimento da Igreja

Um dos eventos cruciais em Atos dos Apóstolos é o Concílio de Jerusalém, onde os líderes da igreja se reúnem para discutir a questão da circuncisão e a inclusão dos gentios na comunidade cristã. Neste concílio, liderado pelos apóstolos Pedro e Tiago, é decidido que a salvação é pela graça mediante a fé em Jesus Cristo, independentemente da observância da lei judaica.

Após o Concílio de Jerusalém, a igreja continua a crescer e se espalhar pelo mundo conhecido, apesar da oposição e perseguição. O livro de Atos destaca o papel do Espírito Santo na orientação e capacitação da igreja, bem como a importância da comunhão, do ensino apostólico e da prática dos sacramentos.

A Viagem de Paulo a Roma e o Fim do Livro

O livro de Atos dos Apóstolos termina com a chegada de Paulo a Roma, onde ele é recebido pelos irmãos em Cristo e tem a oportunidade de pregar o evangelho livremente, apesar de estar acorrentado. O livro termina abruptamente, sem registrar o martírio de Paulo ou o fim de sua história. Isso sugere que Lucas pode ter escrito Atos antes desses eventos ocorrerem ou que ele planejava uma continuação que nunca foi escrita.

Impacto e Relevância

O livro de Atos dos Apóstolos continua a ser uma fonte de inspiração e orientação para os cristãos hoje. Ele destaca a importância da pregação do evangelho, do poder do Espírito Santo e da comunhão da igreja. Além disso, Atos oferece insights valiosos sobre como enfrentar desafios e oposição enquanto se mantém fiel à fé cristã.

Por meio do livro de Atos dos Apóstolos, somos convidados a nos engajar na missão global da igreja, proclamando o evangelho de Jesus Cristo e vivendo em comunidade com outros seguidores de Cristo. Que possamos nos inspirar nos exemplos dos primeiros discípulos e continuar a escrever nossa própria história de fé e testemunho, confiando no poder do Espírito Santo para nos capacitar e guiar.

QUARTA AULA

Conhecendo as Cartas Paulinas e Católicas

As Cartas Paulinas

As Cartas Paulinas compõem uma parte significativa do Novo Testamento da Bíblia católica e são atribuídas ao apóstolo Paulo, um dos mais proeminentes líderes do Cristianismo primitivo. Essas epístolas oferecem uma visão profunda das crenças teológicas, éticas e práticas de Paulo, bem como orientação espiritual para as comunidades cristãs do primeiro século. Vamos explorar resumidamente cada uma das Epístolas Paulinas, destacando seus temas centrais e contribuições para a fé cristã.

A Carta de Paulo aos Romanos.

A carta aos Romanos é uma das obras mais importantes de Paulo e é frequentemente considerada sua exposição mais completa da doutrina cristã. Escrita por volta do ano 57 d.C., esta carta foi endereçada à comunidade cristã em Roma e aborda questões de salvação, justiça, lei, graça e reconciliação.

Paulo começa saudando os crentes em Roma e expressando seu desejo de visitá-los. Ele então apresenta uma análise detalhada do evangelho, explicando como a justiça de Deus é revelada pela fé em Jesus Cristo. Paulo argumenta que todos pecaram e carecem da glória de Deus, mas que a salvação é oferecida gratuitamente por meio da fé em Jesus.

Além disso, Paulo discute a relação entre a lei e a graça, enfatizando que a justificação é pela fé, não pelas obras da lei. Ele também exorta os

crentes a viverem em santidade e amor uns pelos outros, reconhecendo que todos são membros do mesmo corpo de Cristo.

A primeira e a segunda Carta de Paulo aos Coríntios.

As cartas aos Coríntios foram escritas por Paulo para a igreja em Corinto, uma cidade marcada por divisões, imoralidade e controvérsias doutrinárias. Paulo aborda uma variedade de questões nessas cartas, incluindo a unidade da igreja, a conduta sexual, a adoração, a doutrina da ressurreição e o papel dos líderes espirituais.

Em primeira Coríntios, Paulo repreende os crentes por sua divisão e imoralidade, exortando-os a viverem em unidade e pureza. Ele também oferece instruções sobre a adoração, os dons espirituais e a ressurreição dos mortos.

Já em segunda Coríntios, Paulo defende seu apostolado contra críticas e ataques pessoais, explicando sua motivação e seu sofrimento em nome de Cristo. Ele enfatiza a importância da reconciliação e encoraja os coríntios a contribuírem generosamente para os necessitados em Jerusalém.

A Carta de Paulo aos Gálatas.

A carta aos Gálatas foi escrita por Paulo para corrigir um desvio doutrinário na igreja da Galácia, onde alguns crentes estavam sendo influenciados por falsos mestres a abandonar a graça de Cristo em favor da observância da lei judaica.

Paulo defende a doutrina da justificação pela fé, argumentando que a salvação não é obtida pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo. Ele rejeita a ideia de que a circuncisão e outras práticas judaicas são necessárias para a salvação, enfatizando a liberdade que os crentes têm em Cristo.

Paulo também exorta os gálatas a viverem pelo Espírito, produzindo frutos como amor, alegria, paz, paciência, bondade, fidelidade, mansidão e autocontrole.

A Carta de Paulo aos Efésios.

A carta aos Efésios apresenta uma visão majestosa da igreja como o corpo de Cristo, unido em amor e propósito. Paulo escreve esta carta enquanto está na prisão, exortando os efésios a viverem em unidade e maturidade espiritual.

Paulo começa louvando a Deus pela salvação em Cristo e explicando o plano divino para reconciliar todas as coisas em Cristo. Ele enfatiza a importância da unidade e da diversidade na igreja, desafiando os crentes a viverem em humildade, amor e submissão uns aos outros.

Além disso, Paulo fornece instruções práticas para a vida cristã, incluindo orientações para o casamento, a paternidade, o trabalho e a guerra espiritual. Ele também encoraja os efésios a se revestirem da armadura de Deus para resistirem aos ataques do inimigo espiritual.

A Carta de Paulo aos Filipenses.

A carta aos Filipenses é uma expressão de gratidão e alegria por parte de Paulo, escrita enquanto ele estava na prisão em Roma. Paulo agradece aos filipenses por seu apoio financeiro e espiritual e encoraja-os a permanecerem firmes na fé.

Paulo exorta os filipenses a se alegrarem em todas as circunstâncias, mesmo em meio a dificuldades e perseguições. Ele descreve sua própria experiência de alegria na prisão e exorta os filipenses a imitarem seu exemplo de fé e contentamento.

Além disso, Paulo oferece instruções sobre como viver uma vida digna do evangelho de Cristo, enfatizando a importância da humildade, da unidade e do serviço mútuo. Ele também adverte contra a falsa doutrina e encoraja os filipenses a perseverarem na corrida da fé.

A Carta de Paulo aos Colossenses.

A carta aos Colossenses foi escrita por Paulo para corrigir a influência de falsos mestres na igreja de Colossos, que estavam promovendo uma forma de espiritualidade baseada em práticas ascéticas e visões espirituais.

Paulo enfatiza a supremacia de Cristo sobre todas as coisas, tanto no céu quanto na terra, e exorta os colossenses a permanecerem firmes na fé que receberam em Cristo. Ele adverte contra a influência dos falsos mestres e encoraja os crentes a se apegarem à verdade do evangelho.

Além disso, Paulo oferece instruções práticas para a vida cristã, incluindo orientações sobre relacionamentos familiares, vida comunitária e testemunho cristão no mundo. Ele enfatiza a importância de viver em Cristo, sendo enraizados e edificados nele, e desafia os colossenses a se afastarem das práticas vazias e enganosas promovidas pelos falsos mestres.

A primeira e a segunda Carta de Paulo aos Tessalonicenses.

As cartas aos Tessalonicenses foram escritas por Paulo para encorajar e instruir a jovem igreja em Tessalônica. Paulo expressa sua gratidão pela fé e pelo testemunho dos tessalonicenses e oferece orientações sobre como viver em preparação para a volta de Cristo.

Em primeira Tessalonicenses, Paulo aborda questões relacionadas à vinda de Cristo e à ressurreição dos mortos, exortando os crentes a viverem em santidade e a se consolarem mutuamente com a esperança da vida eterna.

Já em segunda Tessalonicenses, Paulo reforça seu ensinamento sobre a vinda de Cristo e adverte contra a falsificação de cartas e a ociosidade entre os crentes. Ele enfatiza a importância do trabalho diligente e da disciplina na vida cristã, ao mesmo tempo que conforta os tessalonicenses com a promessa da vinda gloriosa de Cristo.

A primeira e a segunda Carta de Paulo a Timóteo e a carta a Tito.

As cartas a Timóteo e Tito são conhecidas como as "cartas pastorais" e foram escritas por Paulo para instruir e orientar seus colaboradores na liderança das igrejas. Essas cartas oferecem orientações práticas para a seleção e supervisão de líderes, a administração da igreja, a correção dos falsos ensinamentos e o cuidado pastoral do rebanho de Deus.

Em a primeira e a segunda carta a Timóteo, Paulo encoraja Timóteo a permanecer fiel à sua chamada como pastor e a combater o bom combate da fé. Ele oferece conselhos sobre questões como a oração, o culto público, o comportamento das mulheres na igreja, a seleção e supervisão de líderes, e a luta contra o erro doutrinário.

Em Tito, Paulo instrui Tito sobre a seleção e a ordenação de líderes na igreja, a conduta de homens e mulheres mais velhos, a responsabilidade dos escravos cristãos e a necessidade de evitar controvérsias e disputas infrutíferas.

A Carta de Paulo a Filemom: Reconciliação e Restauração

A carta a Filemom é uma breve carta escrita por Paulo a um crente chamado Filemom, pedindo-lhe que perdoe e receba de volta seu escravo fugitivo, Onésimo, que havia se convertido ao cristianismo enquanto estava na prisão com Paulo.

Paulo apela a Filemom para tratar Onésimo como um irmão em Cristo e não mais como um escravo, oferecendo-se para pagar qualquer dívida que Onésimo possa ter contraído. Paulo enfatiza a importância do perdão, da reconciliação e da unidade no corpo de Cristo, e exorta Filemom a receber Onésimo de volta como se estivesse recebendo a Paulo em pessoa.

Pois bem, as Cartas Paulinas oferecem uma visão profunda das crenças teológicas, éticas e práticas do apóstolo Paulo, bem como orientação espiritual para as comunidades cristãs do primeiro século. Cada uma dessas

cartas aborda questões específicas enfrentadas pelas igrejas da época e oferece princípios atemporais para a vida cristã.

Ao estudar as Cartas Paulinas, somos desafiados a aplicar os ensinamentos de Paulo em nossas próprias vidas e comunidades de fé, buscando viver em unidade, santidade e amor uns pelos outros. Que possamos nos inspirar na fé e no exemplo de Paulo e permitir que suas palavras continuem a nos guiar em nossa jornada de discipulado e serviço a Cristo.

Para reforçar seu conhecimento sobre as Epístolas de São Paulo, convido você a ouvir a série de áudios sobre as cartas paulinas. Nesta série, você terá a explicação, com mais profundidade, de todas as cartas escritas por São Paulo, e como complemento ouvirá a narração de cada uma dessas cartas. A série As Cartas Paulinas se encontra aqui em nossa plataforma SpotBíblia.

As Cartas Católicas

Bom, vamos prosseguir com nossa aula, explorando agora as chamadas Epístolas católicas. O que são as epístolas católicas? Vamos descobrir a partir de agora. Então, vem comigo.

As Cartas Católicas, também conhecidas como Epístolas Gerais, são um conjunto de sete cartas encontradas no Novo Testamento da Bíblia Cristã. Essas epístolas foram escritas por diferentes autores e dirigidas a diversas comunidades cristãs ao redor do mundo mediterrâneo. Apesar de sua variedade, as Cartas Católicas compartilham temas comuns, oferecendo ensinamentos doutrinários e orientações práticas para os seguidores de Jesus Cristo. Aqui, vamos explorar cada uma dessas cartas e sua relevância para a fé cristã.

A carta de São Tiago, que trata da fé e das obras que devem caminhar juntas.

A carta de Tiago é atribuída a Tiago, o irmão de Jesus, ou seja, "primo de Jesus", pois no vocabulário da época não existia a palavra "primo", e portanto, todos eram chamados de "irmãos". Então, que fique bem claro que Tiago não era irmão de sangue de Jesus, como alguns protestantes dizem que é, mas sim, primo de Jesus.

Pois bem, a Carta de Tiago é considerada uma das primeiras epístolas escritas no Novo Testamento. Tiago exorta os crentes a praticarem sua fé, enfatizando a importância das obras como evidência genuína da fé. Ele aborda questões como a tentação, a pobreza e a sabedoria divina, incentivando os crentes a viverem uma vida de piedade e serviço aos outros.

Uma das passagens mais conhecidas de Tiago é a discussão sobre a relação entre fé e obras. Tiago argumenta que a verdadeira fé se manifesta em obras de amor e serviço, e que a fé sem obras é morta. Ele também enfatiza a importância do controle da língua, do cuidado com os pobres e do perdão mútuo entre os crentes.

A primeira e a segunda carta de Pedro.

As cartas de primeira e segunda Pedro são atribuídas ao apóstolo Pedro e são escritas para encorajar os cristãos que enfrentam perseguição e sofrimento por sua fé. Pedro exorta os fiéis de Cristo a permanecerem firmes na esperança da salvação que lhes foi prometida em Cristo, mesmo diante das dificuldades e tribulações deste mundo. Em primeira Pedro, Pedro exorta os crentes a viverem uma vida santa e obediente, enfrentando o sofrimento com paciência e confiança em Deus. Ele os lembra de sua identidade como povo de Deus e os incentiva a amarem uns aos outros sinceramente.

Já em segunda Pedro, Pedro adverte os crentes contra os falsos mestres e os exorta a crescerem na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus

Cristo. Ele enfatiza a importância da santidade e da vigilância espiritual, exortando os fiéis a se prepararem para a volta de Cristo.

A primeira, segunda e terceira Carta de João.

As cartas de primeira, segunda e terceira João, são atribuídas ao apóstolo João e tratam principalmente do tema do amor fraternal e da verdade doutrinária. João exorta os crentes a amarem uns aos outros, a permanecerem na verdade de Cristo e a se guardarem contra os falsos ensinamentos que ameaçam a comunidade cristã.

Em primeira João, João enfatiza a importância do amor de Deus e do amor fraternal entre os fiéis de Cristo. Ele também discute questões como o pecado, a confissão, a comunhão com Deus e a garantia da salvação.

Já em segunda João, João adverte contra os falsos mestres que negam a encarnação de Cristo e exorta os crentes a permanecerem na verdade e no amor de Cristo. Ele também encoraja os fiéis a se recusarem a apoiar aqueles que promovem falsas doutrinas.

Em terceira João, João elogia Gaio por sua fidelidade à verdade e encoraja-o a continuar apoiando os missionários que estão pregando o evangelho. Ele também adverte contra Diótrefes, um líder arrogante que se opõe à autoridade apostólica e trata mal os missionários.

A Carta de Judas, não o Judas Iscariotes, mas o Judas Tadeu.

A carta de Judas é atribuída ao irmão de Tiago e é escrita para alertar os crentes contra os falsos mestres que estão infiltrando a comunidade cristã e promovendo doutrinas perigosas. Judas adverte os fiéis a permanecerem firmes na fé e a combaterem a apostasia que ameaça a pureza da igreja.

Judas denuncia os falsos mestres como pessoas ímpias e arrogantes que seguem seus próprios desejos e causam divisões na comunidade cristã. Ele adverte os crentes a se guardarem contra a influência desses falsos mestres e a permanecerem fiéis ao evangelho de Cristo.

Pois bem, as Cartas Católicas oferecem uma riqueza de ensinamentos doutrinários e orientações práticas para os seguidores de Jesus Cristo. Elas abordam uma variedade de questões importantes para a vida cristã, incluindo fé e obras, esperança e sofrimento, amor fraternal e verdade doutrinária.

Hoje, as Cartas Católicas continuam a ser uma fonte de inspiração e orientação para os cristãos em todo o mundo. Elas nos desafiam a vivermos uma vida de fé genuína, amor sincero e compromisso com a verdade de Cristo. Que possamos nos inspirar nessas cartas e permitir que seus ensinamentos moldem nossas vidas e nos fortaleçam em nossa jornada de fé.

Bom, exploramos até aqui as cartas paulinas e as cartas católicas, riquezas de escritos da nossa fé que tem transformado vidas ao longo dos séculos com suas palavras inspiradas pelo Espírito Santo. Agora, na terceira e última parte desta nossa aula, vamos explorar o último livro da Bíblia, o Apocalipse, completando assim nosso conhecimento sobre todos os livros da Bíblia Sagrada.

Então, vamos lá para o último livro da Bíblia, o livro das Revelações.

O livro do Apocalipse, também conhecido como Revelação, é uma das obras mais fascinantes e enigmáticas do Novo Testamento da Bíblia Cristã. Escrito pelo apóstolo João enquanto estava exilado na ilha de Patmos, provavelmente durante o reinado do imperador romano Domiciano, no final do primeiro século, o Apocalipse é uma visão apocalíptica que revela eventos futuros, o julgamento de Deus e a vitória final de Jesus Cristo sobre o mal e o pecado. Vamos agora explorar os temas centrais, os simbolismos e a mensagem de esperança presentes no livro do Apocalipse.

Contexto Histórico e Literário do livro do Apocalipse.

O Apocalipse foi escrito em um período de intensa perseguição aos cristãos no Império Romano. João, o autor do Apocalipse, foi exilado para a

ilha de Patmos por sua fé em Cristo. Lá, ele recebeu visões divinas que formaram a base deste livro profético. O Apocalipse é uma obra do gênero apocalíptico, caracterizado por linguagem simbólica, imagens vívidas e uma ênfase na revelação de mistérios divinos.

Visão do Trono de Deus e Jesus Cristo

O Apocalipse começa com uma visão impressionante de Jesus Cristo ressuscitado, que se apresenta a João em toda a sua glória divina. Ele está em meio a sete candelabros de ouro, que representam as sete igrejas da Ásia Menor, às quais o livro é endereçado. João também vê uma visão do trono de Deus no céu, cercado por criaturas viventes e anciãos que adoram o Criador. Essas imagens enfatizam a soberania e a majestade de Deus e de Cristo sobre toda a criação.

As Sete Cartas às Igrejas

Após a visão inicial, o Apocalipse inclui sete cartas endereçadas a diferentes igrejas na Ásia Menor, cada uma delas abordando os desafios, virtudes e exortações específicas dessas comunidades cristãs. Essas cartas oferecem um retrato vívido das condições espirituais e morais das igrejas da época, bem como princípios atemporais para a vida cristã. Elas também fornecem uma visão profética do futuro das igrejas e promessas de recompensa para aqueles que perseverarem na fé.

Os Sete Selos, Trombetas e Taças da Ira de Deus

O Apocalipse continua com uma série de visões que descrevem os eventos finais da história humana, incluindo a abertura dos sete selos, a emissão das sete trombetas e o derramamento das sete taças da ira de Deus. Cada uma dessas sequências de visões traz julgamentos divinos sobre a terra e seus habitantes, acompanhados por imagens simbólicas de catástrofes naturais, guerras, pragas e desastres cósmicos. Essas visões retratam o juízo de Deus sobre o pecado e o mal, bem como Sua soberania sobre os acontecimentos históricos.

A Batalha Final e a Vitória de Cristo

O Apocalipse culmina em uma visão da batalha final entre as forças do bem e do mal, representadas pelo Dragão (Satanás), a Besta (o governo opressor) e o Falso Profeta (o engano religioso), e o exército celestial liderado por Jesus Cristo. Nesta batalha épica, Cristo triunfa sobre Seus inimigos e estabelece Seu reino eterno de justiça e paz. O diabo é derrotado, o mal é destruído e a morte é vencida para sempre. A nova Jerusalém desce dos céus, e Deus habita com Seu povo em plena comunhão e glória.

Mensagens de Esperança e Encorajamento

Apesar das imagens assustadoras de juízo e destruição, o Apocalipse também transmite uma mensagem de esperança e encorajamento para os cristãos. Ele revela que Deus está no controle de todas as coisas e que Seu plano redentor será cumprido. O Apocalipse também promete uma nova criação, onde não haverá mais dor, tristeza ou morte, e onde Deus enxugará todas as lágrimas dos olhos de Seu povo.

Aplicação Contemporânea

Embora o Apocalipse tenha sido escrito em um contexto histórico específico, suas mensagens de esperança, vitória e soberania divina continuam relevantes para os cristãos de hoje. Ele nos lembra que, mesmo em meio às tribulações e incertezas da vida, podemos confiar na promessa de Deus de que Ele está conosco, nos protegendo e nos guiando através de todas as circunstâncias. O Apocalipse nos encoraja a permanecer fiéis ao Senhor, a viver vidas santas e a esperar com expectativa pela volta gloriosa de Jesus Cristo.

Pois bem, o livro do Apocalipse é uma obra extraordinária que revela as profundezas do plano redentor de Deus para a humanidade. Suas visões vívidas e simbólicas nos desafiam a refletir sobre o propósito da vida, o significado da fé e a esperança da eternidade. Que possamos nos inspirar nas

mensagens de esperança, vitória e adoração encontradas no Apocalipse, enquanto aguardamos com fé a consumação do reino de Deus e a volta triunfante de nosso Senhor Jesus Cristo.

QUINTA AULA

A diferença entre a Bíblia católica e a Bíblia protestante

Trataremos de um tema que tem sido muito discutido entre católicos e protestantes há anos. O tema da "diferença que há entre a Bíblia católica e a Bíblia protestante".

Então, qual a diferença entre a Bíblia adotada por nós católicos, e a Bíblia adotada pelos protestantes?

Apesar do título do tema desta aula: A diferença entre a Bíblia católica e a Bíblia protestante, não existe a “Bíblia Católica” e nem a “Bíblia Protestante”. Existe apenas uma BÍBLIA, a “Bíblia do Povo de Deus”.

O correto é dizer: a “Bíblia de edição católica” e a “Bíblia de edição protestante”.

Frequentemente alguém me pergunta: A Bíblia protestante é verdadeira? Eu ganhei uma Bíblia de edição protestante. Posso ler esta Bíblia, ou não?”

Será que existe alguma diferença entre a Bíblia editada pelos protestantes e a Bíblia editada pelos católicos? Sim. Existe uma diferença quanto ao número de Livros. O Novo Testamento deles e o nosso são iguais: têm 27 Livros. Mas o Antigo Testamento da edição protestante não possui 7 Livros que fazem parte da edição católica.

A Bíblia editada pelos nossos irmãos “evangélicos” não possui estes 7 Livros: Judite, Tobias, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, 1º Macabeus e 2º Macabeus.

Além disso, o Livro de Daniel, deles, não tem os capítulos 13 e 14, e os versículos 24 a 90 do capítulo 3. Não tem também os capítulos 11 a 16 do Livro de Ester.

Esses sete Livros são os chamados “deuterocanônicos”. A palavra “canônico” vem de “cânon”. E “cânon” quer dizer “regra”. Trata-se da “regra de fé”. Esses Livros constituem a norma da fé na vida da Igreja. Os Livros canônicos ou inspirados não contêm erros de doutrina. Por isso, podemos acreditar nos escritos destes livros. Eles trazem a Palavra de Deus, que não se engana nem nos engana.

Os “deuterocanônicos” são assim chamados porque sua autenticidade foi posta em dúvida pelos judeus, e, séculos depois, pelos protestantes. A Igreja aceitou os deuterocanônicos como autênticos ou inspirados, do mesmo modo que os canônicos. E qual a razão por que os judeus e os protestantes não incluem nas suas edições da Bíblia os Livros deuterocanônicos?

A razão é a seguinte. Os judeus mais antigos dividiam os Livros do Antigo Testamento em três grupos distintos:

- Primeiro, os cinco Livros da Lei, também chamados de Pentateuco, como já vimos lá na segunda aula. Os judeus chamavam esses livros de Torá, que significa "Lei".
- Segundo, os Livros dos profetas, chamados por eles de Nebiim, que significa "profetas".
- Terceiro, os outros escritos, chamados por eles de Ketubim, que significa "escritos".

Os profetas eram divididos em dois grupos: antigos profetas (Isaías, Jeremias e Ezequiel); e mais 12 profetas “menores” (Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naúm, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias); esses formavam juntos um Livro: “Os Doze Profetas”.

Os chamados “Outros escritos” compreendiam os Livros de Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras e Crônicas. Um total de 11 Livros.

Segundo tal divisão, a Bíblia hebraica antiga tinha 24 Livros.

Mais tarde, porém, os próprios judeus subdividiram os Livros de Samuel, ficando 1º e 2º Samuel; o livro dos Reis, ficando 1º e 2º Reis; o livro das Crônicas, ficando 1º e 2º Crônicas; e o livro de Esdras, ficando Esdras e Neemias; como também adotaram cada escrito profético como Livro independente. Assim, a Bíblia Hebraica passa a ter 39 Livros.

Essa Bíblia hebraica passa a ser considerada a Bíblia original; seus Livros são chamados “protocanônicos”, isto é, Livros aceitos de início e sem nenhuma discussão. Os protestantes adotam essa Bíblia hebraica como única. Nela não constam os 7 Livros que já citamos nesta aula.

E porque não constam?

Porque foram aceitos como inspirados bem mais tarde. Esses sete Livros vão constar na primeira tradução da Bíblia hebraica para a língua grega. São chamados então de “deuterocanônicos”, isto é, Livros que foram aceitos como inspirados bem mais tarde, em segundo lugar.

E o que é a Bíblia grega?

É a tradução da Bíblia hebraica para a língua grega. Não é uma “nova Bíblia”, mas sim a tradução da Bíblia de língua hebraica para o idioma grego. Mas essa “Bíblia grega” tem uma história.

Quando os judeus começaram a emigrar para outros “países”, deportados por Alexandre Magno, ou mais tarde quando foram perseguidos por Antíoco Epífanes, entre os anos de 175 a 163 a.C., levaram consigo a Bíblia. Tais imigrantes chegaram a formar uma grande colônia no norte da África, numa cidade chamada Alexandria, como em grande parte do Império, falava-se a língua grega. Foi preciso, então, traduzir a Bíblia hebraica para a

língua grega para que os descendentes dos judeus pudessem entendê-la, uma vez que não sabiam mais a língua dos seus antepassados.

Por esta ocasião, quando foi feita a tradução da Bíblia hebraica para a língua grega, no ano 250 a.C., foram acrescentados na nova tradução da Bíblia outros Livros, considerados por muitas tribos, de cultura grega, como inspirados; Livros que eram usados há longos anos; que eram considerados também “Palavra de Deus”, embora não constassem na relação oficial dos Livros inspirados. Esses Livros são os sete de que falamos no início desta aula. Desse modo a Bíblia grega, que é a tradução da Bíblia hebraica, tem sete Livros a mais. Nós, católicos, adotamos a Bíblia de tradução grega que contém todos os Livros considerados inspirados, tanto os chamados “protocanônicos” como os “deuterocanônicos”. Como os protestantes adotam a Bíblia de tradução hebraica, é claro então que a “Bíblia deles” – que foi traduzida do hebraico para o alemão – tem 7 Livros a menos.

Hoje em dia, porém, essa diferença tende a acabar. Muitas editoras protestantes estão colocando todos os Livros da tradução grega nas suas edições, observando, porém, que eles não fazem parte da Bíblia de tradução hebraica. Somente algumas “seitas” mais radicais e fundamentalistas dentro do protestantismo rejeitam tais Livros e conservam a divisão. Elas não representam, porém, o verdadeiro protestantismo. A Palavra de Deus é uma e a mesma para todos nós, cristãos. A diferença pois, entre Bíblia católica e protestante é apenas histórica.

SEXTA AULA

Inerrância Bíblica

Na Bíblia Sagrada, há erros? A palavra de Deus foi escrita por meros homens, mas inspirada por Deus. Portanto, a pergunta que fica é: podemos encontrar erros, nas Sagradas Escrituras?

Então, vamos descobrir a resposta segura para esta intrigante pergunta.

Bom, estamos na era da eletrônica e da computação. Pode acontecer que confrontando certas palavras da Bíblia com os dados da ciência, venha a surgir alguma contradição. Nesta altura, que dizer? Quem é que estaria errada: a Bíblia ou a ciência?

Lembramos aqui uma coisa muito importante: antes de apontarmos onde está o erro, devemos ver se estamos entendendo a Bíblia como “Mensagem de Salvação” ou como livro de Ciências. Fique bem claro que a Bíblia não tem a finalidade de ensinar-nos a história dos povos, nem a situação geográfica dos países antigos, nem a Astronomia nem a Matemática.

A Bíblia é um conjunto de Livros estritamente religioso. Tem a finalidade única e exclusiva de apresentar-nos a Mensagem de Deus, que nos propõe a nossa salvação. Pode a Bíblia fazer menção de alguns dados da Astronomia, da Geografia, da História e da Matemática. Mas tudo isso entenda nela como algo secundário, pois não é disto que ela pretende falar oficialmente. Portanto, mesmo que o hagiografo, aquele que escreveu partes da Bíblia, diga alguma imprecisão nesses assuntos secundários, isso não vem afetar o conteúdo fundamental, que é a Palavra de Deus. Não devemos nos

esquecer de que toda a Bíblia é de “inspiração divina”, mas foi escrita por homens.

Então, a resposta segura é: na Bíblia, não há erros. E quando dizemos que na Bíblia não há erros, estamos nos referindo à sua doutrina, ou seja, àquilo que diz respeito à fé. É para isto que ela foi escrita. Sabemos que na Bíblia entram dois elementos: o divino e o humano. O elemento divino consiste na inspiração ou na revelação feita pelo Espírito Santo. E o elemento humano está na cultura e no estilo do hagiógrafo, que reveste a Palavra de Deus com a roupagem própria de seu tempo.

Ora, na Bíblia, o importante não é a embalagem, mas o conteúdo que se transmite. Por exemplo: Moisés diz que as águas do dilúvio “cobriam a face da terra”. Confira em Gênesis, capítulo 7, versículo 24. Mas será que cobriram mesmo todo o nosso planeta? Isso não nos interessa sob o ponto de vista da Salvação. Naquele tempo, os homens nem sabiam da existência desta parte do globo que habitamos hoje. Então, para eles, o “universo” era apenas aquela região habitada por eles.

Isso não afeta aquilo que se chama “inerrância” bíblica, que é a impossibilidade de haver erros de doutrina na Bíblia. O que o hagiógrafo quis dizer é que Deus puniu o mal em geral. E isto Ele disse muito bem, independente se o dilúvio tenha atingido toda a terra ou somente uma parte dela.

Outro exemplo de “erro” na Bíblia é aquela passagem onde se diz:

“Era o décimo segundo ano do reinado de Nabucodonosor, que reinou sobre os assírios em Nínive, a grande cidade”. Confira em Judite, capítulo 1, versículo 1.

Se formos olhar cientificamente, existe um erro histórico, pois Nabucodonosor era rei da Babilônia e não da Assíria. Mas, biblicamente falando, não existe erro, pois a finalidade da Bíblia não é narrar a história universal e sim falar da história da salvação.

O que o escritor sagrado, ou seja, o hagiógrafo, quis fazer foi juntar o pior dos perseguidores de Israel, Nabucodonosor, ao povo mais inimigo de Israel, os Assírios. Por isso deu “Nabucodonosor” reinando sobre os assírios em Nínive, que era capital do império assírio.

Meditemos no Salmo 118 ou 119, o qual diz que não há erro na Palavra de Deus. Leia em salmos 118 e 133 a 142.

E erros “aparentes”, o que são?

Vimos acima que na Bíblia não pode haver erros de doutrina, porque ela é a Palavra de Deus. Ora, Deus não se engana nem nos engana. Vimos também que podem ocorrer erros de ordem secundária. Isto é, da parte do hagiógrafo, que entra com sua cultura e sua redação.

Mas, pensando bem, quase todos esses erros são apenas “aparentes”, e não reais. Se entendermos a Bíblia dentro de sua finalidade estritamente religiosa e de seu contexto histórico e cultural, vamos concluir que nela não existem propriamente erros. Nós é que a entendemos erradamente, não sabendo interpretar aquilo que foi escrito em outros tempos.

Temos, por exemplo, o caso de Josué, que fez o sol “parar”. Está escrito que Josué disse: Sol, detém-te sobre Gabaon. E tu, lua, parada sobre o vale de Ajalon. E o sol se deteve, e a lua não se moveu, até que o povo se vingou de seus inimigos”. Confira em Josué, capítulo 10, versículos 12 a 13.

Ora, hoje sabemos que o sol não gira em torno da terra. Pelo contrário: a terra é que gira em torno do sol. E daí? Vamos dizer que a Bíblia está errada? De maneira alguma. Não podemos exigir que o escritor sagrado, há três ou quatro mil anos, se expressasse com os conceitos científicos que temos hoje. Analisar um fato de uma época com os critérios de outra época é um erro grave que se chama “anacronismo”, ou seja, erro ou confusão na datação de fatos ou épocas históricas.

De outro lado, sabemos que, no tempo em que Josué escreveu, todos os povos supunham que a terra era fixa e que o sol girava em torno dela. Para

os antigos, a terra era o centro do universo. Além disso, é preciso considerar que se trata de um “texto poético”, que não pode ser tomado ao pé da letra.

Portanto, entendendo a Bíblia como deve ser entendida, vamos concluir que esse erro geográfico é apenas aparente. O que o hagiógrafo quis dizer é que houve uma intervenção de Deus, fazendo com que se prolongasse a claridade do dia. Quanto ao resto, se foi a terra ou se foi o sol que parou, isso é coisa secundária. Aí não entra a “inspiração divina”, pois Deus aceita a maneira comum de seu povo expressar-se.

Aliás, ainda hoje, mesmo sabendo que o sol é fixo, nós dizemos: “O sol nasce, o sol se levanta, o sol desce, o sol se põe”, como se ele estivesse dando a volta sobre a terra. Trata-se, pois, de um modo de falar e não de uma afirmação de caráter científico. Portanto, não é a Palavra de Deus que está errada, mas a interpretação que damos à Bíblia Sagrada.

Diante de certos antropomorfismos, ou seja, da doutrina que atribui forma humana à divindade, que fazem falar homens e animais, Deus e o Diabo, muitas pessoas começam a duvidar daquilo que diz a Bíblia. Já ouvi gente “entendida” dizer que a Bíblia é uma porção de fábulas. Isso é que está errado. Precisamos saber distinguir as coisas. Há na Bíblia o que se chama “recurso literário”, com suas figuras e parábolas. Mas existe atrás de tudo e acima de tudo a Palavra de Deus, bem distinta de qualquer artifício literário ou embalagem humana. Não podemos confundir as coisas.

Por exemplo, O LIVRO DE JÓ É UMA PARÁBOLA. Aquela pessoa chamada, Jó, não existiu na realidade. É uma ficção. Nele o escritor sagrado põe Deus falando com o diabo, como nós conversamos com outra pessoa. Mas atrás desse estilo e dessa figura da literatura existe uma grande mensagem de Deus, uma verdade eterna, imutável e maravilhosa que merece nossa fé.

SÉTIMA AULA

Interpretação das Sagradas Escrituras

Dissemos, no capítulo anterior, que os “erros” que aparecem na Bíblia não são propriamente erros da Palavra de Deus, mas interpretação errada que damos à Bíblia Sagrada. Por isso, vamos estudar agora uma coisa muito importante: a interpretação da Sagrada Escritura.

Antes de tudo, que é “interpretar”? A arte da interpretação é muito antiga. Em tempos idos, os reis tinham sempre em suas cortes pessoas dotadas do dom de interpretar. Especialmente em se falando de sonhos. É conhecido na Bíblia o caso de José, não o “São José”, pai adotivo de Jesus, que interpretou o sonho do faraó. Confira lá em Gênesis, capítulo 41, versículos 1 ao 36.

Então, o que é interpretar um texto da Bíblia?

Interpretar um texto bíblico é dizer qual o verdadeiro sentido daquele texto.

E quem nos dará o verdadeiro sentido da Palavra de Deus? Quem tem autoridade para interpretar uma palavra ou uma passagem qualquer da Bíblia? Eis uma questão de suma importância.

Sem dúvida, para se dar o significado de um texto escrito há milhares de anos, seria preciso colocar-se dentro daquela época, estudar os costumes, a língua, a mentalidade e a religião daquele povo enquadrado dentro do respectivo texto. É o que fazem os estudiosos da Bíblia. Passam a vida toda

pesquisando, estudando, comparando texto com texto, para depois chegar a alguma conclusão.

Olha só, a Igreja tem a autoridade, dada por Jesus, para interpretar a Bíblia Sagrada. Vamos lhe contar, então, uma historinha para ilustrar esta afirmação.

Certa vez um clube de futebol estava para comemorar 50 anos de existência. A diretoria pensou em programar uma grande festa. Todos gostaram da ideia. Mas aí surgiu uma questão: qual a história do clube? Era preciso dar entrevista aos jornais e às emissoras de rádio. E ninguém sabia dizer como havia começado aquela entidade esportiva. As atas tinham sido queimadas num incêndio ocorrido trinta anos atrás. Não restava nenhum documento pra contar a história do clube. Como fazer então?

Eis que um dos presentes teve uma ideia: “Vamos ver se encontramos alguma pessoa daquele tempo. Deve existir por aí alguns dos sócios fundadores. Eles saberão recompor a história do clube.

E assim fizeram. Por sorte, ainda viviam três sócios fundadores, já velhinhos, mas com a memória lúcida. Eles souberam dizer os nomes de todos os fundadores, a data exata, a finalidade da agremiação, os nomes dos primeiros jogadores e outros dados curiosos daqueles que não presenciaram o fato.

Então, nesta ilustração que acabei de contar, vemos que assim acontece com a Bíblia e a Igreja. A palavra da Igreja tem autoridade, porque ela presenciou todos os fatos da vida de Jesus: suas pregações, seus milagres, sua morte, sua ressurreição e sua ascensão ao Céu. A Igreja e a Bíblia se completam. A “Palavra de Deus” é mais ampla que a “Escritura Sagrada”. A Palavra de Deus inclui o elemento escrito, que é a Bíblia, e a palavra falada, que é a Igreja. O próprio Evangelho reconhece isso, quando nos fala através do evangelista São João:

“Este é o discurso que dá testemunho destas coisas, e foi quem as escreveu. E sabemos que o seu testemunho é digno de fé. Jesus fez ainda muitas outras coisas. Se fossem escritas uma por uma, penso que nem o mundo inteiro caberiam os livros Que deveriam ser escritos”. João, capítulo 21, versículos 24 e 25.

Reduzir todo o ensinamento divino às páginas de um livro seria minimizar a Palavra de Deus. Por isso, diz o Concílio Vaticano II, no documento Dei Verbum, no parágrafo 10: *“A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só sagrado depósito da Palavra de Deus confiado à Igreja”*.

Quando a Igreja escreveu os Evangelhos, ela não fez o simples papel de cronista, que apenas narra fatos e palavras. A Igreja escreveu a Palavra de Deus, depois de ter feito a experiência de viver essa Palavra, no meio de perseguições e provações, à semelhança do Mestre.

A Palavra de Deus é uma Palavra “viva”, que nasceu quente, da vivência de uma comunidade. Escrevendo aos Coríntios, São Paulo fala: “Vós mesmos sois a nossa carta, escrita em nossos corações. Conhecida e lida por todos os homens. Não há dúvida que vós sois uma carta de Cristo, redigida por nosso ministério, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações. Deus nos fez aptos para ser ministros da nova Aliança, não a da letra, e sim a do Espírito. Porque a letra mata, mas o Espírito comunica a vida”. 2ª Coríntios, capítulo 3, versículos 2 e 3, e versículo 6.

O Evangelho primeiro foi vivido e só depois é que foi escrito. E antes de ser escrito, Jesus exigiu que já merecesse fé. O caso de Tomé nos mostra que a Igreja, oficialmente representada pelos Apóstolos, já era merecedora de crédito, por vontade expressa de Jesus. Isto significa que A IGREJA É TAMBÉM A PALAVRA DE DEUS. Tomé não tinha duvidado da palavra de Jesus, mas da palavra da Igreja. No entanto, Jesus o repreendeu, dizendo-lhe:

“Tomé, não sejas incrédulo, mas homem de fé”. João, capítulo 20, versículo 27.

Um certo padre disse que a Bíblia é como um álbum de família. Cada um foi colocando ali uma fotografia, até encher o álbum. Por isso, somente aquela família sabe explicar de quem são as fotos e por que estão ali. Essa família é a Igreja, que tem como chefe o Papa.

A Bíblia e o Magistério da Igreja

Dissemos que a Palavra de Deus é transmitida não só pela Bíblia, que é a palavra escrita, mas também pela Igreja, que é a palavra falada. A esse ensinamento que vem através da Igreja, desde os tempos dos Apóstolos, nós chamamos de TRADIÇÃO. E a voz oficial da Tradição nós chamamos MAGISTÉRIO. O Magistério é a Igreja ensinando como Mestre, quando fala das coisas da fé em nome de Jesus Cristo. O Magistério não é a voz de um teólogo nem de um estudioso da Bíblia, por mais que estas pessoas entendam do assunto. O Magistério é a voz oficial da Igreja: os bispos de toda a “igreja universal”, ou seja, católica, em comunhão com o Papa.

É ao Magistério que compete o ofício de interpretar a Palavra de Deus, como nos fala o Vaticano II: “O ofício de interpretar autenticamente a Palavra de

Deus, escrita ou transmitida, foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo.”

Portanto, todas as ciências modernas podem oferecer valiosa contribuição para maior aprofundamento no estudo da Palavra de Deus. Todos os homens, de todos os credos, podem dar a sua preciosa colaboração na busca do verdadeiro sentido da Bíblia Sagrada. Mas uma coisa permanece sempre fora de dúvida: a última palavra sobre o que Jesus disse cabe à IGREJA CATÓLICA, porque quem escreveu um texto é que tem mais condições para dizer qual o sentido daquilo que escreveu. É ainda *o Vaticano II quem nos fala, no documento Dei Verbum, no parágrafo 12: “Todas as*

coisas que dizem respeito à maneira de interpretar a Escritura estão sujeitas em última instância ao juízo da Igreja, que exerce o divino mandato do magistério de guardar e interpretar a Palavra de Deus”.

Realmente, é assim que fazemos com a interpretação de outras coisas da vida. Quando paira alguma dúvida sobre a carta que recebemos, procuramos quem nos escreveu para que nos explique o significado daquela carta. Quando não entendemos a letra da receita que o médico nos deu, voltamos a ele para que esclareça a nossa dúvida.

Eis por que a interpretação da Bíblia não pode ficar por conta de cada pessoa. Vale aqui aquele ditado: “Quantas cabeças, tantas sentenças”. Ora, a verdade de Deus não pode estar entregue a interpretações de particulares, que representam as opiniões de cada um. Ela deixaria de ser a verdade absoluta de Deus-Uno para diluir-se num sem-fim de palpites contraditórios dos homens.

Baseado em Santo Irineu e na Primeira Carta de João, capítulo 3, versículo 2, diz ainda o Concílio Vaticano II, no documento Dei Verbum, parágrafo 7: *“Para que o Evangelho se conservasse sempre inalterado e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram como sucessores os Bispos, a eles transmitindo o seu próprio encargo de Magistério. Portanto, esta Sagrada Tradição e esta Sagrada Escritura de ambos os Testamentos, são como o espelho em que a Igreja peregrinante na terra contempla a Deus, de quem tudo recebe, até que chegue a vê-lo face a face, como Ele é”.*

Quando através de seu Magistério, a Igreja interpreta e ensina a Palavra de Deus, ela está desempenhando a missão que recebeu de Jesus através dos Apóstolos, os quais “ouviram e viram o Mestre com os próprios olhos” e “tocaram com as próprias mãos a Vida Eterna”. Por isso afirma o Concílio, no documento Dei Verbum, parágrafo 10: *“Fica, portanto, bem claro que, segundo o sapientíssimo plano divino, a Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja estão de tal maneira entrelaçados e unidos entre si que um não tem consistência sem os outros, e que juntos, cada qual*

a seu modo, sob a ação do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas".

OITAVA AULA

A divisão da Bíblia em capítulos e versículos

A divisão da Bíblia em capítulos e versículos é uma característica distintiva que facilita a referência e o estudo das Escrituras Sagradas. Embora hoje pareça uma estrutura fundamental e natural, sua origem remonta a séculos atrás, e envolveu vários indivíduos e eventos ao longo da história. Para entender quem dividiu a Bíblia em capítulos e versículos, é necessário mergulhar nas raízes desse processo e explorar as figuras-chave que contribuíram para sua criação.

A Bíblia, como um conjunto de textos sagrados para o Cristianismo e o Judaísmo, é composta por uma série de livros escritos ao longo de séculos, em diferentes contextos culturais e linguísticos. A divisão em capítulos e versículos como a conhecemos hoje não foi estabelecida desde o início; na verdade, foi um desenvolvimento gradual que ocorreu ao longo de muitos anos.

A origem da divisão em capítulos remonta ao século XIII, quando um estudioso e teólogo chamado Stephen Langton, que mais tarde se tornaria o Arcebispo de Canterbury, dividiu o Antigo Testamento em capítulos durante o início do século XIII. Langton era conhecido por sua erudição e contribuições para o estudo das Escrituras. Sua divisão em capítulos foi introduzida por volta de 1227 d.C., e foi adotada rapidamente por outros estudiosos e copistas da época.

A divisão em versículos veio mais tarde, durante o século XVI, quando um impressor parisiense chamado Robert Estienne, também conhecido

como Stephanus, implementou a divisão em versículos no Novo Testamento grego em sua edição da Bíblia, publicada em 1551. Esta divisão foi uma inovação significativa, permitindo uma referência mais precisa e facilitando o estudo detalhado das Escrituras.

É importante notar que a divisão em versículos no Antigo Testamento foi realizada posteriormente por outros estudiosos, como Athias em 1661 e Masoretas em 1448. No entanto, a divisão de Estienne no Novo Testamento é amplamente reconhecida como a primeira implementação significativa dessa estrutura.

Embora Stephen Langton e Robert Estienne tenham desempenhado papéis cruciais na divisão da Bíblia em capítulos e versículos, é importante reconhecer que eles não foram os únicos envolvidos nesse processo. Ao longo dos séculos, muitos estudiosos, copistas, impressores e líderes religiosos contribuíram para o desenvolvimento e refinamento dessa estrutura.

Além disso, é essencial destacar que a divisão em capítulos e versículos não é uma característica original dos textos bíblicos. Os livros da Bíblia foram escritos originalmente em hebraico, aramaico e grego antigo, e não continham essas divisões. A divisão em capítulos e versículos foi adicionada posteriormente para facilitar a leitura, estudo e referência das Escrituras.

Apesar de sua utilidade, a divisão em capítulos e versículos também tem sido objeto de críticas ao longo dos anos. Alguns argumentam que essa estrutura pode obscurecer o contexto e a continuidade dos textos, incentivando uma leitura fragmentada e descontextualizada das Escrituras. No entanto, outros defendem sua importância como uma ferramenta valiosa para o estudo e a exegese bíblica.

É importante reconhecer que, independentemente de suas origens históricas e críticas, a divisão em capítulos e versículos desempenha um papel significativo na vida religiosa e cultural de muitas pessoas ao redor do

mundo. Ela facilita o acesso e o estudo das Escrituras, permitindo que os fiéis explorem os ensinamentos e as narrativas contidas na Bíblia de maneira mais eficaz.

Em resumo, a divisão da Bíblia em capítulos e versículos é atribuída a várias figuras históricas, incluindo Stephen Langton e Robert Estienne, cujas contribuições foram fundamentais para estabelecer essa estrutura que é tão familiar para os leitores das Escrituras hoje. Embora sua origem remonte a séculos atrás, a divisão em capítulos e versículos continua a desempenhar um papel central na vida espiritual e intelectual de milhões de pessoas em todo o mundo.



CURSO

Bíblia Fácil



SpotBíblia
A Bíblia para ouvir.

